Mario de Artagão

Musica Sacra

PELOTAS
1901

DO MESMO AUCTOR

PUBLICADAS :

As Infernaes : — Versos — 1888. Recife — 2ª. edição.

O Psalterio : — Versos — 1894. Rio Grande.

Janina : — Drama — These sobre o divorcio — 1900 Traduzido para o italiano.

A PUBLICAR :

O Crepe : — Poema.

O Deputado : — Romance.

A historia de um jornal . — Luctas de imprensa.

EM PREPARO :

Deismo e darwinismo : — Estudo.

A Taça : — Drama — These sobre o alcoolismo.

MUSICA SACRA

Mario de Artagão

Musica Sacra

PELOTAS
1901

Mando que n'esta pagina

se imprima o nome de

ANTONIO DE MATTOS NETTO

o amigo dedicado, que tanto sei prezar.

A' porta do Templo

A Musica Sacra, em mais de um trecho, foi escripta junto dos mausoléos. E' uma symphonia de lagrimas, em que raras vezes fanfarram as notas do clarim.

Estou d'aqui a vêr algum critico, de nervos irritadiços, a amaldiçoar as *Horas do meu Tedio*. São paginas de arrepios, soturnamente inspiradas, a destoar das preces e elegias.

E todavia ha n'ellas o contraponto da musica do meu verso !

A dôr tambem tem o seu periodo agudissimo de febre a 40 gráos ; e muita gente ha que, na piedade da resignação, sabe encontrar o mais poderoso dos calmantes. Eu, porém, quizera pertencer ao numero d'estes bemaventurados espiritos de conciliação.

Depois do collapso da febre, sinto a invadir-me um formidavel anniquilamento, que me azéda todas as energias e a que chamarei a anemia de um espirito, esfalfado de soffrer. Estreita-se-me a visão, envesga-se-me a affectividade e faltam-me as forças para subir ao céo, apontado pelas mães na grande calmaria dos berços.

Apenas tenho olhos para o que me fica ao pé : — homens, lama, podridões e sapos !

D'ahi, essas nauseas, que mancham muitas paginas do meu livro.

E' facil de comprehender que esta orchestração doentia e taciturna não foi feita para as noites enluaradas, nem eu espero a ventura de a ouvir solfejada pela alma popular, como o foram as balladas do PSALTERIO. Pouco importa que o não seja.

Escrevendo-a, apenas obedeci ao intuito de acompanhar o Requiem angustioso que a Saudade geme em torno de duas catacumbas adoradas.

MARIO DE ARTAGÃO.

Trevas

Não foi, vos juro, por economia,
Que a minha mão febril de pae afflicto
Deixou de pontuar o manuscripto
D'esta Musica Sacra da Agonia.

Sangravam n'alma todas as feridas;
E, ao vêr meu velho sonho azul disperso,
Fui deixando brilhar em cada verso
O ponto ideal das lagrimas cahidas...

Suprema agonia

E' elle, o corvo! E' elle, a bater azas,
Na augusta podridão das tumbas razas!

Deixae-o entrar! Deixae que venha a mim
Esse homem negro dos enterramentos!
Traz o caixão forrado de setim,
O fôrro azul do céo dos meus tormentos...
Parece até que o desgraçado chora!
Faltava-me isto agora...,

Faltava vêr uma alma de coveiro
A chorar, porque ganha o meu dinheiro !
Sonho hediondo ! Traz-me um berço esguio,
Onde a saudade, a soluçar, faz ninho !
Ai, quem me déra as nuvens para o frio
Que alli deve sentir o meu filhinho...

Vão-n'o vestir de anjinho côr de rosa,
A côr festiva das Profanações !
Vão-n'o vestir, cuidando que em meus labios
Existe ainda a toada carinhosa
De uns velhos alfarrabios
Onde aprendi algumas orações...
Vêem-me de rastros, soluçando, absorto,
E julgam-me a rezar !
Loucos ! Não cae de bruços sobre o altar
Quem tem nos braços um filhinho morto.
Olha, coveiro, aqui me tens tranquillo !
Fuma um charuto, emquanto eu vou vestil-o...

De côr de rosa enterram os anjinhos,
N'um sarcasmo de luz e lentejoulas,

Mas Deus não veste os mortos passarinhos
Na clamyde escarlate das papoulas !
Por isso eu não consinto
Que m'o vistam de anjinho côr de rosa...
E, se me vês tão duramente franco,
Ouve-me tu, que sentes o que eu sinto,
O' baleada leôa lacrimosa,
O' lacrimosa Mãe do filho meu !
Traze-me aquelle vestidinho branco,
Muito rendado, como os ha no céo !
Quero o vestido branco do passeio,
Cheio de arminhos e de névoas cheio...
Bem vês que assim me illudo :
Faço de conta que elle vae commigo,
Illuminando e perfumando tudo,
Como se a lua, branca e torturada,
Na grande calma d'este bairro antigo,
Morta cahisse, em lyrios desfolhada.

Mas, filha, não me fujas !
Esquece, por piedade, os agoureiros
Psalmos de morte, que esta noite ouviste
De um bando de corujas.
Bem sabes que é nas harpas dos salgueiros,

Ao pé de um velho cemiterio triste,
Onde ellas gostam de esconder o ninho...
Ahi fallam de amôr em cada corda ;
E, como não ha ninho sem balladas,
A's horas mortas, cantam, as coitadas,
Como nós o fazemos de mansinho,
Quando, a sorrir, o nosso filho acórda,
Aos beijos triumphaes das madrugadas!

Era escondido pelo teu cabello,
Que tu gostavas sempre de trazel-o...
Fizeste mal, perdôa!
N'esse amoroso véo das tuas tranças
Faltou-lhe a luz, a luz fecunda e bôa,
Que enseiva os prados e ensanguenta as rosas;
E fica tu sabendo que as creanças
São pequeninas flôres perfumosas,
Que tambem o bom sol desabotôa...

Esperam-nos lá fóra...
De nada, ó Santa, deves ter receio!
Eu vou com elle... Dá-lhe um beijo agora...

Contra a vontade e por desgraça minha,
Talvez que, a sós, eu volte do passeio,
Alli pela noitinha,
Quando os anjos accendem as estrellas...
E, se eu voltar sósinho, ai, com certeza
O nosso filho foi de perto vêl-as.

Estonteada, branca de surpresa,
Tu has de vêl-o um dia,
Buscando o mesmo seio em que dormia:
Contricto, o proprio Deus nol-o conduz,
De volta lá do espaço...
E o Natal cantará no teu regaço,
Em uma astral resurreição de luz!

Golgotha, acima!

Adeus, meu filho! Posta de joelhos,
Como na Cruz a Virgem lacrimosa,
Chora commigo a tua Mãe piedosa.
Os bons amigos velhos,
Silenciosos, calmos, vêm chegando...
Tudo é sombrio e taciturno, quando
Passa a Morte, fingindo que é o luar.
Levam-te, ó filho, levam-te a passear
Para um logar que mette medo á gente...
Eil-os que vêm buscar-te, ó meu filhinho,
Todos de preto, vagarosamente.

Levae-o, assim! Assim! devagarinho!
Depois que o vi ao collo abençoado
Da pobre Mãe que amargurada chora,
E' muito triste, vêl-o, como agora,
Mãosinhas postas, roxo e amortalhado...
Levae-o, assim! Assim! devagarinho!
Ahi pelo caminho
Andam boccas abertas pelo muro...
E é tão facil topar n'alguma cruz!
Ai, todo o meu pavor,
Jesus! Jesus!
E' que elle acórde, á noite, alli no escuro,
O' dôr! ó dôr!
Longe de mim, que estonteado o vejo,
Abrindo os braços a pedir-me luz,
Abrindo os labios a pedir-me um beijo.

Lagrimas da Morte

Quo mporta a chuva ? Deixa que chova !
Vamos, coveiro ! Aqui tens meu filho !
Nos dhos calmos não ha mais brilho...
Abre-lhe a cova !
Geme baixinho, todo o arvoredo...
Parece, ó bruto, que estás com medo !
Ai !... Ai !...
Anda . Abre a cova do meu filhinho !
Quand as alminhas são irmãs-gemeas,
Deves saber, se já foste pae,
Que a cova d'anjos é como um ninho,
Onde a Saudade choca as Blasphemias...
Ai !... Ai !...

Aves da morte têm azas pretas,
Azas de agouro,
Com que voamos, nós, os poetas,
Banhados todos n'agua do chôro.
Que importa a chuva? Prantos do céo
Regam, só regam lyrios sedentos...
Pranto a cavar desmoronamentos,
Esse que fura a pedra onde cae,
Ouve bem isto: — sómente o meu!
Ai!... Ai!...

Alma erradia

Ouve-me tu, ó Santa, que commigo
Vives chorando a ausencia cruciante
Do nosso filho pequenino e morto!
Quando tu vires este olhar de amigo
Do teu olhar distante,
A vagar, a vagar, dorido, absorto,
Pelas moitas do céo, azul em fóra,
Ai, nunca tentes, nunca, distrahil-o,
Pois n'esse instante bate-me tranquillo
O pobre coração de pae que chora!

Fica sabendo, Mater Dolorosa,
Tão soffredora quanto foste bôa,
Fica sabendo que a vagar, anciosa,
Não anda, pelo céo, minh'alma, á tôa...
Dizem os livros santos
Que é velho, muito velho, o carcereiro,
Dono das chaves todas do viveiro
Onde ha anjos travessos pelos cantos...
Ora, n'um dia morno, de cansaço,
Póde bem ser que durma esse velhinho :
E com certeza, abandonando o ninho,
Azas batendo, livres, pelo espaço,
Os anjos todos eu verei brincando !
Percebes, filha, agora,
Porque não deves distrahir-me, quando
Eu tenho o meu olhar de ti distante,
A vagar, a vagar, dorido, absorto,
Pelas moitas do céo, azul em fóra...
Bem vês que eu ando em busca, n'esse instante,
Do nosso filho pequenino e morto !

Lucto branco

Nas pavorosas regiões desertas
Dos polos nevoentos, tudo é branco!
E' branco, branco, muito branco o mar;
E os albatrozes de azas muito abertas
Parecem, pelo espaço largo e franco,
Brancas mortalhas que andam a voar.

Nas convulsões crueis das despedidas
E' sempre branco o lenço que se agita,
Bebendo o pranto d'uma dôr enorme...
E, para o vôo de almas combalidas,
Em calma imperturbavel, infinita,
O cemiterio, todo branco, dorme!

Brancos phantasmas entram pelas portas
Abertas ao cadaver do sol posto!
E a neve, que é a lagrima do céo,
Cae sempre branca sobre as cousas mortas.
Mas não tão branca, como é branco o rosto
Da mãe que chora um filho que morreu.

Existe um lucto branco, muito antigo,
Bordado pelas dôres tormentosas
Na gaze do véo branco d'um noivado...
Vae n'elle preso o olhar d'um pae amigo,
Que fica a mendigar carinho ás rosas
Na solidão do ninho abandonado.

Tambem a branca e fugitiva lua,
A lua branca das melancholias,
Como velha estalagem do Pavor,
Não tem lagos beijados por falúa,
Não tem beiradas para as cotovias,
Nem nunca teve a laranjeira em flôr.

Ai, lucto muito branco foi de certo
Esse do céo, chorando pela vinda
Do bom Jesus, de ensanguentados flancos !
Percebo agora, ao vêr meu lar deserto,
Porque é que eu tenho (e sou tão moço ainda)
Cheia a cabeça de cabellos brancos !

Ninhos

E' quando as andorinhas fazem ninho
Pelos velhos beiraes do meu telhado,
Que eu ando a vêr, de eterno olhar magoado,
Se não me deixam nunca mais sósinho.

Quizera que perdessem o caminho
Das brancas regiões do seu noivado,
Para commigo tel-as, sempre ao lado,
Aquecidas ao Sol do meu carinho.

A crêr n'um livro de convento extincto,
São custosas as joias embutidas
No bello throno que Jesus te deu...
Custosas, julgo-as pela dôr que sinto,
Pois são feitas de lagrimas cahidas
De olhares torvos, como é torvo o meu !

Eu tive um filho; e, morto o meu filhinho,
Deve ser um dos anjos mais bonitos
Na nebulosa azul do teu cortejo...
Pois quando o vires, pelo teu caminho,
O' Protectora Virgem dos Afflictos,
Dá-lhe na bocca, bem na bocca, um beijo.

Sei que és Vida e Doçura; e, se é verdade
Que lá no meio de anjos tão pequenos,
Tens a visão dos berços de Bethleem,
Ai, põe-lhe n'alma um pouco de saudade
Que lhe recorde, alguma vez, ao menos,
A pobre Mãe que cá deixou tambem.

Pavor de inverno

Hojo que vivo a carregar o lenho
Das mansas illusões, tão cedo mortas,
Ai, que saudades tenho
Do lar antigo e branco do noivado,
Onde o Luar entrava pelas portas,
A lyrio perfumado...

Quando lá fóra o vento antigamente,
No irritante pavor das hybernias,
Andava, como uma alma de doente,
Cantando as arias das melancholias,
Quantas e quantas vezes, á vidraça,
Junto á Santa de calmos olhos pretos,
Tracei na lousa confidente e baça
A velha historia azul dos meus sonetos.
E a chuva, em doidas alegrias francas,
Tinha accessos febris pelo lagedo.
Mas hoje tenho medo...
Perdi meu filho ; e as grandes azas brancas
Podem molhar-se, quando fugitivo
Elle abandona a paz do Campo-Santo
E vem de lá, furtivo,
Beijar as boccas que o beijaram tanto !

Alma-irmã

Mal sabes, Girasol, o que eu faria,
Se, humilhado, sentisse o que tu sentes;
Olha! Mandava aos cravos insolentes
O teu riso amarello de ironia.

E' justamente a tua côr doentia,
O' flôr das agonias dos poentes,
Que faz minh'alma dar-te os beijos quentes,
Que ao sol tu pedes na eclosão do dia.

E todavia a Magoa d'um contraste
Torce-me os braços n'esta cruz do Afflicto,
Torce-te o seio n'essa cruz d'uma haste.

Pois, se buscas a luz do sol divino,
Eu busco as trevas d'este chão maldito
Onde enterrei um filho pequenino.

Quinta-feira santa

N'um album

Vós me pedis, Senhora, um pensamento :
Mas, como o Christo de chagados flancos,
Eu tenho apenas um, que me traz cheia
Esta cabeça de cabellos brancos.

Mesmo assim o quereis? Pois bem: lembrae-vos,
Lembrae-vos de Jesus, minha Senhora,
Vós, que só tendes labios para as preces,
E uma alma tendes branca e sonhadora.

Hoje faz annos que febril, magoado,
Foi Elle, a soluçar, levado ao Horto...
Chorou; mas não chorou, como hoje eu chóro,
Nos braços vendo o meu filhinho morto.

Eterna viagem

A' memoria do meu irmão Alberto

Esse grande espirito voou para o seio das estrellas a 2 de Fevereiro de 1898, dia de Nossa Senhora dos Navegantes.

Duas vezes, irmãos! No sangue o era,
E tambem meu irmão na phantasia!
Não sei de outra creança, assim austera,
Que faça os versos bons que elle fazia.

E' triste a historia d'esse pobre irmão!
Febril, convulso e moribundo o vejo,
Longe, longe de nós, longe do beijo
Que as mães reservam para a extrema-uncção.
Era um rapaz tristonho,
Que envelhecera quando fez vinte annos;
E só descia do paiz do Sonho
Para matar em versos os tyrannos!
Armava a fôrca dentro d'um soneto;
E invariavelmente,
Como um lucto de espirito doente,
Tinha a mania de vestir de preto...
Não vão pensar por isso,
Que houvesse n'elle as dôres d'um perverso;
Jura o contrario, em portuguez castiço,
Toda a Biblia sagrada do seu verso!
Alma, como elle tinha,
Tão cheia de perdão e soffredora,
(Quero dizel-o, com franqueza, agora)
Eu só conheço a minha...

Veio uma vez, o pobre, ter commigo;
Queria um pouco de dinheiro: — dei-lh'o...
N'estes momentos se conhece o amigo,
E eu era o irmão mais velho.

Levou-me tudo, quanto em casa havia ;
E, mal passado um dia,
Ao tel-o novamente de mim junto,
Disse-me, a sós, tranquillo,
Que eu perdoasse... mas gastára aquillo
N'uma grinalda branca de defunto !
Sorri... e fiz-lhe mal ;
Pois só mais tarde eu soube que o coitado,
D'alma a sangrar, seguira o funeral
Da morena ideal do seu noivado !

A lucta pela vida,
Vestiu-lhe a blusa honrada de caixeiro.
Talvez chegasse, um dia, a ser banqueiro !
Porém a phantasia dolorida
Toucava-se de lyrios e boninas,
E punha-se no seio d'uma estrella,
Como uma freira que abandona a cella,
A solfejar missaes de cavatinas !

Se um barco elle tivesse,
Traria sempre o peito salitrado
Pelos pulmões do grande mar salgado...

Quiz, por desgraça, Deus ouvir-lhe a prece!
E, pallido e descrente,
N'uma rubra manhã de Fevereiro,
Sem vêr jámais as terras do Oriente,
(E vêl-as, quem lh'o déra!)
Foi elle o mais soturno passageiro
D'essa doirada, funebre galera
Que leva as almas dos agonisantes
Para junto da Mãe dos Navegantes.

Barcarola

Antiphona ao meu "Psalterio,,

No lago azul dos meus sonhos,
Morena, vamos remar!
Vamos vêr as fadas nuas
Borboleteando no ar.

No lago azul dos meus sonhos,
Vamos, morena, remar!
Vamos vêr bailados brancos
Dos espectros pelo ar,

No seio dos nenuphares,
Com quatro remos de prata,
Não ha peixinho nem cysne
Que nos vença na regata.

Os cysnes amortalhados,
A' flôr serena das aguas,
Parecem lyrios boiando
No roxo enterro das Magoas.

Anda commigo, morena,
Vamos no lago brincar!
Nosso baixel tem cortinas
Que são feitas de luar.

Anda commigo, morena!
No batel do nenuphar,
Verás de crepe as cortinas
Que eram feitas de luar.

Na alcova azul do castello,
Quando sentires cansaço,
Eu quero, linda, embalar-te
No berço do meu regaço.

Na alcova azul do castello,
Hoje deserto e sombrio,
Nós, os dois, embalaremos
Um triste berço vazio.

As nevoas fôfas e brancas,
Em novellos de fiar,
Correm no fuso das flechas
Das torres do meu Solar.

Eu te quero, a sós, commigo,
Lacrimosa, a soluçar,
Ouvindo a bocca dos ventos
Nas torres do meu Solar.

Temos orchestra de rôlas
Regida por um tucano,
E o chapinhar da cascata
Suppre as notas do piano.

Uma a uma, as rôlas todas,
Todas se foram embora ;
E um corvo austero, de preto,
E' quem rege a orchestra agora.

Anda commigo, morena,
Trocar beijos ao luar !
No lago azul dos meus sonhos
Vamos nós juntos brincar...

Quem sabe se lá por cima,
Lá tão perto do Luar,
Não anda o nosso filhinho
Em busca do teu olhar.

Bezouros de elytro d'ouro,
Zumbindo em torno ao castello,
São os maestros divinos
D'um volante violoncello.

Esse antigo violoncello
Fugiu da beira dos ninhos,
E vive alli, para um canto,
A tossir como os velhinhos.

Anda commigo, morena!
O batel do nenuphar
No lago azul dos meus sonhos
Já nos espera a boiar...

Anda commigo, morena,
Vamos no lago remar!
A Morte, cantando ao leme,
Já nos espera a boiar.

Horas de Tedio

O meu papel almasso

---

a Miguel A. de Souza Soares

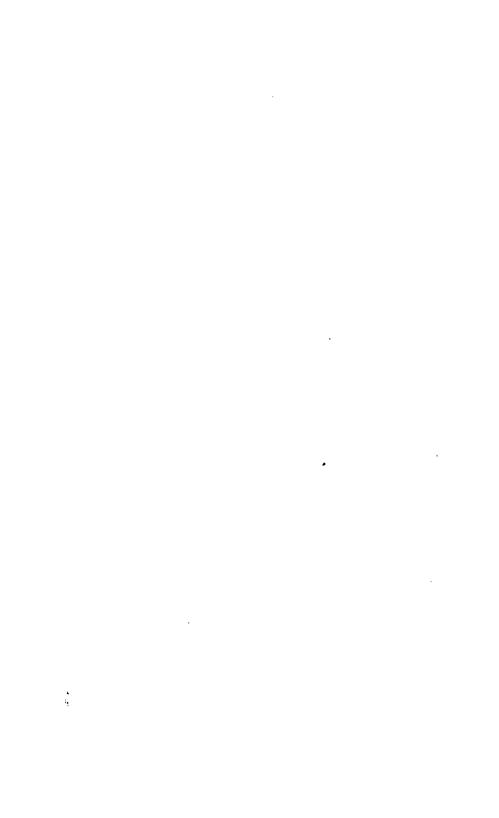
Farrapos de naufragio ! As baleeiras,
Para o papel almasso dos meus versos,
Foram buscar os fémuros dispersos
No ossuario vidrado das geleiras.

Foram buscar os trapos de cambraias,
Que a Morte, cheia de tranquillidade,
Lava com aguas-fortes da saudade
No córadoiro intermino das praias.

Os veios azulados d'estas resmas,
Quando nervoso o meu charuto mordo,
Parecem feitos pelo ventre gordo
D'uma hedionda multidão de lesmas.

E' um papel com cheiro a cousas mortas,
Que me estonteia o velho tedio mudo,
Dando vontade, á noite sobretudo,
De abrir logo, a punhal, todas as portas.

Medico eu fosse, e as folhas pelos ares,
N'um largo vôo d'azas esgarçadas,
Attestariam pelas madrugadas
Obitos de noivados e luares,

Tedio de insomnias a sonhar com sapos !
Tedio que sóbe do papel almasso
E vae, aos vomitos, povoando o espaço
De bacillares podridões de trapos !

Dansa macabra

O Aleijado

(olhos no céo, sem braços)

« — Braços, por onde andaes ? »
Cantigas chulas ;
Passam cocheiros rindo e chicoteando as mulas.

O Gatuno

(espreitando um taverneiro)

« — Antes roubar do que pedir esmolas! »
Rompem Alleluias d'oiro, a rir, pelas escolas.

O Mineiro

(nas galerias soturnas)

« — Noite maldita! Noite de carvão! »
E o diamante lampeja ao peito de um Ladrão.

A Mendiga

(com o filhinho ao collo)

« — Ai, quem me déra um pão! »
Silencio em torno:
Ha nos calmos trigaes um grande cheiro a fôrno.

A Monja

(na attracção d'um crucifixo)

« — Dôres de parto!... As Virgens soffrem mais! »
E as pombas, a chocar, solfejam madrigaes.

O Defunteiro

(pregando um caixão)

« — Este cadaver cheira a rosmaninhos... »
E a prece anda a voar dos berços para os ninhos.

O Cégo

(á noite, á porta d'um theatro)

« — Uma esmolinha, pelo amor de Deus! »
E vê Deus accendendo estrellas pelos céos!

Lua !

(Noite de prata. Alto no céo, tirita a Lua, com bocejos de eterna Melancholia).

O Bebado

Sêde maldita, sêde que abençôo,
Ai, quem me déra um vôo,
Um vôo d'aguia, esburacando os céos,
Para pousar na Lua o labio quente,
Como o pousára em calice de igrejas !
Olá de cima ! Olá ! Quem quer que sejas,
Se mesmo fôres Deus,
Dá-me aguardente !

O Sacerdote

O' Lampada do céo da minha crença,
Que a mão d'um anjo traz no Azul suspensa,
Por toda a eternidade sê bemdita!
A alma tem azas como um passarinho...
E, quando esta alma vires consternada,
Buscando o reino do Senhor, contricta,
Ai, segue-a pela estrada,
Que ella póde perder-se no caminho!

. . .

O Anarchista

Deixal-a rir, deixal-a que me chame
Louco ou doente a sociedade infame!
Raiva d'entranhas! Lua caricata,
O' luminoso escarro de bronchite,
Faze-te bomba!
Uma moeda me resta... olha que é prata
Compro-te... Vamos! Sobre o mundo tomba,
N'uma explosão voraz de dynamite!

A Noiva

Como me dóe, saudosa confidente,
De mim te vêr ausente!
O' como é branca a noite em que te sigo
No bergantim do Sonho perfumoso!
Mas, quando busques n'outro céo repouso,
Já que te quero sempre ter commigo,
Solta-me o bando ideal de tuas fadas
Pelas portas azues das madrugadas!

O Atheu

Não sei que fazes, Lua, pelo espaço
N'essa eterna brancura de palhaço...
Tudo no Cosmos tem utilidade,
E Deus te fez inerte!
Se querem que Elle exista e se és capaz,
Faze-te lyrio, faze-te saudade!
E, se a Treva tem sóes para accender-te,
Nós temos para a Treva a luz do gaz!

O Doido

No cortejo amoroso dos teus servos,
Tu, que nos andas a excitar os nervos,
Nunca ouviste a blasphemia em labios meus...
Adoro-te a valer : — e muito embora
Este Hospicio do mundo não me entenda,
        Minh'alma soffredora
Te pregaria ao peito do bom Deus,
Como se fosses rútila commenda !

O Moralista

O' pallida Impudíca, Flôr doentia,
Eclosão desbotada de Anemia,
        Que noite mal passada
        Te fez assim tão branca ?
Núa, na quéda lenta dos outeiros,
Quando brutal o grande sol te espanca,
Ao menos, por pudor, ó desgraçada,
Veste a clamyde azul dos nevoeiros !

O Poeta

« Bocca da noite !... » Dizem os velhinhos,
Quando emmudece a musica dos ninhos...
E n'esse instante, a Lua,
Mansa e perdida pela immensidade,
E' como um beijo, a medo, que fluctúa,
Beijo de morte, beijo de saudade,
Que a bocca, a soluçar, da noite amante
Lança á face do sol agonisante !

O Jogador

Bolsa em farrapos ! Voltas para casa,
Leve, mais leve, que o ruflar d'uma aza !
E' preciso, sem pão, que eu me conforte
Ante esta ideia estupida da morte...
Lua de serenata !
Se pudesses caber-me na algibeira,
Como moeda alvissima de prata,
Por Deus, te juro : — eu te jogava inteira !

O Amante

Voga a Lua no céo a todo o panno ;
E tu cantas uma aria do soprano,
O' rouxinol dos alamos tristonhos !
Ai, vives como eu vivo,
No nebuloso e ideal paiz dos sonhos !...
Mas com a Lua é bom haver cuidado : —
Essa gaiola que te traz captivo,
E' muito triste para o teu noivado...

O Sabio

E's a face hedionda e escaveirada
De um Tantalo do Azul ! A Madrugada
Não te deu lagos para os nenuphares,
Nem névoas para a sêde das crateras...
Por isso te exasperas,
E tentas, velha Louca,
Em arranco feroz, levar á bocca
A taça collossal dos nossos mares !

O Marujo

Para açaimar o vento á penedia,
Quando rouqueja os psalmos da Agonia,
　　Ha um remedio santo : —
A gente lança o cabo d'uma prece,
Banhado n'agua-baptismal do pranto,
E, logo, logo, immácula apparece
Na galera da Lua salvadora,
Muito branca, a sorrir, Nossa Senhora !

O Athleta

Tatúam-me este peito com medalhas !
Gladiadores, no pó, e até muralhas
A pulso firme tenho derrubado...
　　Um só rival detesto : —
Esse Deus do infinito constellado,
Esse musculo d'aço que, de um gesto,
N'um formidavel jogo malabar,
Ao cháos atira a bóla do Luar !

Mãe em chôro

Se a jornada das almas é penosa,
Eu, que sou Mãe dorida e lacrimosa,
De pena morreria,
Se não soubesse, ó Lua, que Maria,
Um berço branco fez do teu regaço,
Cheio de luz e cheio de conforto,
Para embalar, á noite, pelo espaço,
O fugitivo meu filhinho morto !...

Eu

No silencio das noites taciturnas,
Dá-me, ó Luar, a cal das tuas furnas !
Quero um famoso mausoléo prateado
Para as soffridas Magoas do passado !
Dá-lhes um calmo somno triumphal
No ventre do infinito,
Somno que não é morte, um somno igual
Ao somno azul dos Pharaós do Egypto...

Meus sete peccados mortaes

Orgulho

Vivo a fugir da inveja dos esgotos,
Vivo a fugir da lamá dos entulhos;
E a cantar, a cantar, sonoramente,
Regando os lyrios e vestindo os rôtos,
Sinto o maior de todos os orgulhos
N'esse odio atroz que inspiro a tanta gente!

Avareza

Tenho um cofre ideal, um cofre d'ouro !
Ha n'elle, em vez de libras esterlinas,
Astros, balladas, névoas, nenuphares...
E já nem conto os beijos do thesouro,
Beijos que são as perolas divinas
Que ando a roubar na Paschoa dos luares.

Luxuria

Zúnem bezouros. O arvoredo todo,
A baralhar as folhas, prolifera.
Ha ninhos pelos alamos tristonhos ;
Ha febre em tudo : — desde o luar ao lodo !
E em febre ardendo cae minh'alma austera
N'um rubro espasmo lyrico de sonhos.

Ira

Cantae, cantae, cantae, meus odios velhos !
Mentem no céo os codigos das Penas ;
Mente o Nirvana ! Tudo mente. Vejo
Até mentindo os Santos Evangelhos...
E a cantar e a rugir, sabei que apenas
Um Deus existe na Hostia azul d'um beijo !

Gula

Calma-te, ó ventre! Féra, não regougues!
Para matar-te os appetites ruivos
Andam auroras a cantar radiosas
Pela bocca vermelha dos açougues...
Ai, quem me déra para o ventre, aos uivos,
Uma fome phantastica de rosas!

Inveja

Quizera a força herculea das geleiras
Equilibrando o céo por sobre os hombros;
Quizera a seiva dos trigaes fecundos:
Quizera a dôr das minhas sextas-feiras,
Para afogar em lagrimas de assombros
A paz doirada, a grande paz dos mundos!

Preguiça

Depois que andei juntando em cada berço
Os lilazes das minhas Endoenças,
Tive, a chorar, uns impetos profanos
De queimar esta Biblia do meu Verso,
Para imitar-te, ó Deus das velhas crenças,
Que vives a dormir, ha cem mil annos!

Confessionario das coleras

I

Ando com nojo á vida ! Em cada rosa
Apalpo o ventre de lagartas pretas ;
Vejo larvas que esventram as violetas
E a lua vejo, a uivar, tuberculosa.

II

A arroxeada flôr do meu Martyrio
Nasce d'um Beijo, tonto de perfume ;
Só agora percebo como o estrume
Póde dar sangue ao calice d'um lyrio !

III

O' noites de agonia, em que me abraço
Ao cadaver purissimo da Prece !
A nausea em tudo ! E a Biblia até parece
Opera-bufa, escripta por palhaço...

IV

Ao vêr-te um dia, ó flôr dos meus desejos,
Descida á cóva, branca e amortalhada,
Nem com Niagaras d'agua phenicada
Terás os oleos-santos dos meus beijos.

V

Dá-me o teu seio tumido e moreno,
O' torturada Monja de olhar baço !
Foge do céo ! Talvez que d'esse abraço,
Venha a nascer um outro Nazareno !

VI

Pobre aleijado ! O' ulcera ambulante !
Deixa que ria a tua bocca immunda...
Ri-te e não saibas nunca que a corcunda
Veio da luz d'um beijo hilariante !

VII

Que vem a ser um berço perfumoso
Nas mãos brutaes do oleiro do Sarcasmo ?
Urna a conter delictos d'um espasmo,
Urna a conter as lagrimas do gozo !

VIII

Quando n'um disco de Hostia consagrada
A aza do Sonho pelo Azul se perde,
Sinto a visão atroz d'um panno verde,
Enchendo o altar de prata derramada.

IX

Eu e a Descrença, a sós! Mordemos juntos
A placenta d'um utero de dôres...
Detesto os ninhos e abomino as flôres,
Feitas por Deus para enfeitar defuntos.

X

O sol é para mim um grande fôrno
De cremação. Converte tudo em gazes;
Desde os suóres frios dos lilazes
Até o halito máo d'um beijo morno.

XI

O mosqueiro voraz do meu Tormento
Apenas tem instantes de cansaço,
Quando me ponho, como agora o faço.
A escrever meu roxo testamento.

XII

E quando o faço, aborrecendo tudo,
Parece, ó Virgem Santa, que das covas
Sobem effluvios bons de essencias novas,
Como as que tens no manto de velludo !

Febre algida

Trago uma Islandia n'alma. Algumas vezes
O sol de um riso espreita dentro os gelos ;
Mas a noite polar dos pesadellos
Vae muito alem do inverno dos seis mezes.

Para este frio d'ulceras vermelhas,
Para este frio, penso que bastára
O algodoamento d'uma colcha rara,
Feito d'arminhos de cabeças velhas.

Na neve dos cem annos ha cegueira,
E eu quizera cegar, como os velhinhos,
Que passam, somnolentos, pelos ninhos,
Sem vêr lá dentro uma Alleluia inteira !

Sonho vermelho

A Guilhotina

Cem annos! Francamente: —
Era já tempo, ó Deus, de descansar!
Pesa-me a idade; sinto-me doente...
Se houvesse alguem que me deitasse ao mar!
O' velhos pesadelos
De sangue rubro a gottejar dos astros!
Boccas de sangue! Purpuras de rastros!

Sangue a tingir cabellos,
Sangue de açougue, sangue de diluvio
A cachoeirar do ventre d'um Vesuvio,
Sangue coalhado em labios de creança,
Sangue a pedir perdão,
Sangue a pedir vingança,
Sangue de Martyr, sangue de ladrão,
Sangue das Hostias a correr no altar,
Sangue na aurora e sangue no luar!
Tudo a nadar n'um grande Mar Vermelho...
Cem annos! Tarda a madrugar a missa
Da piedade escripta no Evangelho!
E, antes de ir ter á cova,
Não ouvirei em nome da Justiça
O Verbo austero d'uma Biblia nova?

O Anarchista

Ainda é cedo! A noite do Delicto
Pede um luar ao teu alfange d'aço!
Aqui tens a cabeça d'um Maldito,
Afoga-me em teu braço!

A Guilhotina

Quem me falla na Treva ?

O Anarchista

Um desgraçado
Que é neto de Jesus !

A Guilhotina

Fome, talvez ! Bom vinho ! Algum peccado !

O Anarchista

Fome voraz de Sol !... Fome de luz !

A Lei

Deixa o sermão da Luz para mais tarde !
Falla de Preces e piedade, agora !

A Guilhotina

Perdão! Perdão! Lá vem rompendo a aurora!

A Lei

O perdão não se fez para um cobarde!

O Anarchista

Não é cobarde a consciencia forte
Que pontifica o Amôr da Nova-Ideia!
Não é cobarde a mão que esbofeteia,
O' sanguinarias coleras da Morte!

A Lei

Terás legendas d'oiro, se me déres
Para um Museu a tua faca heroica!

O Povo

Faca que rasga o seio das mulheres!

O Anarchista

Faca que tem no cabo uma alma stoica !

O Povo

Morte ao bandido !

O Anarchista

Morrerei sonhando !

O Sol

Dia de sangue ! E' bom que vá tomando,
Por precaução, meu banho de neblina...

O Anarchista

O meu banho de luz, ó guilhotina !

A Lei

O sol desponta !

A Guilhotina

O' raiva !

O Anarchista

(fitando de frente a Guilhotina)

O' minha amante,
Dá-me um remedio á Dôr d'esta cabeça !

A Guilhotina

Mais um crime !

O Povo

E do menos um tratante !

O Anarchista

(subindo os degráos do patibulo)

Velho, talvez bem velho, eu te pareça...
Mas os cabellos brancos são do orvalho

Que cáe do céo nas noites tormentosas,
Quando vagamos a pedir trabalho
A' forja das estrellas lacrimosas...
Morreu-me, á fome, um filho !
E eu guardo sempre o rude olhar sinistro
Que elle, um dia, a chorar, deitou ao milho
Dos cavallos de raça d'um ministro !...

O espirito de Humberto

Que mal te fiz, ó alma torturada ?

O espirito de Carnot

Ai, como dóe no seio a punhalada !

O Anarchista

Visão de sangue ! O' pesadelo infame !

O espirito de Izabel da Austria

Tinhas um filho, que adoravas... Dá-me
A tua mão, que eu tive tambem um !

O Anarchista

Horror ! Horror ! Horror !

O espirito de Izabel da Austria

E havia entre ambos — isto, de commum :
Que o teu morreu de fome, e o meu de amôr !

O espirito de McKinley

Morrer !... Morrer de amôr ! Morrer de fome !
E' tudo o mesmo... E' só mudar-lhe o nome.

O Anarchista

Morrer de amór ! O' minha Mãe austera,
De amôr tambem te morre o filho amado...
Ai, o meu Sonho : — a eterna Primavera
A rebentar n'um ventre sem peccado !
Sonhei que o mundo todo
Bailava em torno dos floridos ninhos ;

E via o trigo a lourejar no Lodo
Para dar pão aos tremulos velhinhos !
A guerra, só nas flôres ;
Guerra de espasmos, guerra de perfume,
Para opiar a colera das dôres,
Para enraivar os fremitos do estrume...

A Guilhotina

Alma, que canta o Verso
Na extrema-uncção d'um grande affecto puro,
Não é, por Deus, vos juro,
Uma alma de perverso !

A Lei

Vejo que tu das feras te condóes !

A Guilhotina

E eu vejo a Raiva ensanguentando os mares...

O Anarchista

(dando a cabeça ao cutello)

Nascerão do meu sangue os nenuphares,
E do meu sonho nascerão mais sóes !

A Lei

(n'uma formidavel concentração)

Rôla e panthera !

O Anarchista

Eu te bemdigo, ó Cruz.
Que me fazes morrer tambem de amôr !
Vejo, cantando, todo o céo em luz,
Vejo, bailando, toda a terra em flôr !

A Lei

Clarins, vibrae !

O Anarchista

Vou levantar o vôo...

O espirito de McKinley

Perdôa-lhe, ó meu Deus !

Deus

(beijando a Guilhotina n'um raio do sol triumphante)

Eu te perdôo !...

Pó !

a Leopoldo A. de Souza Soares

Um sino colossal ! ! !
Forja-me um sino d'astros
Que só tu, ó meu Deus, possas trazer de rastros !
Se d'esta Podridão te resta uma saudade,
Faze-o dobrar, dobrar, por toda a eternidade !

De anemia morreu nos braços dos Poetas
O Mundo ajoelhado!
Elmos, punhaes, grilhetas
De antigas gerações espreitam pelas ruinas;
A brisa anda a gemer em vez das cavatinas
O canto-chão do Tedio. A humanidade dorme,
E pelo espaço róla a sombra desconforme
Do velho mundo extincto. A chlorotica giesta,
D'essa vida assombrosa, é tudo quanto resta!
Em cada Pôr-do-Sol uma gangrena verde...
Quadros de Raphael, Alleluias de Verdi,
Febre de Bolsa, torre Eiffel, theatros, thermas,
Reis do petroleo rindo ás multidões enfermas,
Tunneis apunhalando o ventre das montanhas,
Comboios a voar sobre teias d'aranhas,
A Biblia do Trabalho em milhões de volumes,
Raios X de luar, e o luar feito perfumes,
Telegrapho sem fio, o sol engarrafado,
Os fremitos do beijo e as preces do noivado,
A industria a lampejar nos Hymalaias d'aço,
A fauna da Utopia abrindo azas no espaço,
Tudo que foi baptismo e tudo que foi Verso,
Tudo, tudo, ó meu Deus, ahi anda disperso,
A pedir que outra vez arranques lá do Nada
A extraordinaria missa azul d'uma Alvorada!
Famosas cathedraes, alcaçares mauruscos,

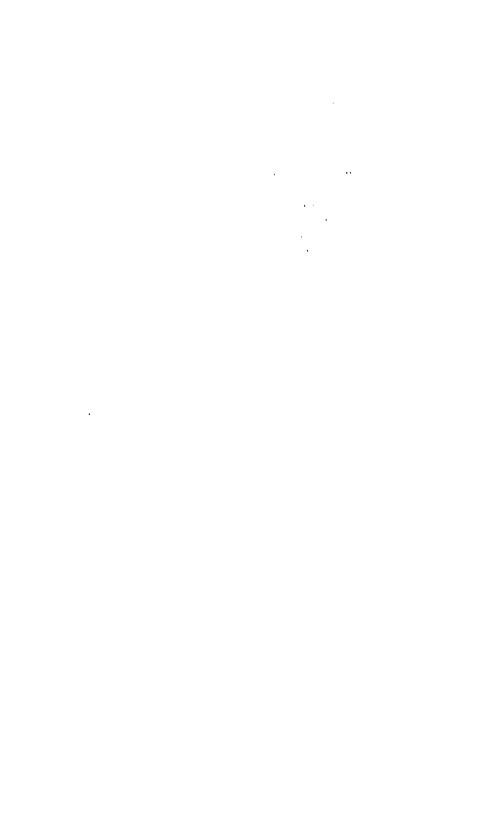
Officinas, torreões, castellos gigantescos,
Não guardam mais de pé os muros seculares ;
Confundem-se aos montões, tascas, museus, solares !
Não ha vôo no Azul, nem tectos para ninho ;
Nada vive a lembrar o espasmo d'um carinho !
Alluviões em fermento e corregos de lôdo
A pouco e pouco vão lambendo o mundo todo ;
E a raça ameaçadora e forte d'outras éras
Com cem mil annos volta ao ventre das monéras !
Geram as podridões um cadaver maldito,
Com um esquife a mais, nos hombros do infinito !

Ao Mar

Existe uma alma limpida nas Cousas : —
E' sangue nos pulmões do sol vermelho,
E' luz na atroz deglutição das lousas,
E' puz n'um lyrio que morreu de velho.

Que o Mar a tenha, ó visionarios, crêde-o;
Pois o vejo a rezar nas Luas-cheias,
Quando febril, n'um pulpito de areias,
Ando a lançar anathemas ao Tedio.

O' grande Mar augusto, ó alma bôa,
Se ós lagrima, perdôa!
Bem sei que a minha inquieta phantasia
Nunca te deu a esmola d'um só Verso...
Pela Allemanha andei, como um perverso,
A decorar a extranha Symphonia
Que vem do céo, na uncção das noites claras;
E, ouvindo as cotovias a cantar,
Quantas vezes julguei que era Mozart
A sonhar e a cantar pelas seáras!
Pés nús, como um fakir,
Beijei mais tarde a terra de meus Paes.
Ai, que saudades sentirá quem vir
Na flôr dos annos, o florir do Minho!
Parece até que em meio dos trigaes,
E' lá que a Lua vae fazer o ninho!...
Dirás que é bello, que esse amor é justo...
Penso comtigo, ó grande Mar salgado!
Mas este céo que é nosso, ó Mar augusto,
Tem mais vertigens para o teu noivado!

Quero forjar com astros o meu Verso,
Quero a bocca ideal das alvoradas,
Para cantar em rutilas balladas
A terra estonteadora do meu Berço!
E se o não fiz ainda, ó alma bôa,
E's lagrima... perdôa!

Ambulancia da Morte

Eu já não sei rezar! Antigamente,
Piedoso e casto, nunca me esquecia
Dos marujos nas horas da agonia
E das creanças com olhos de doente.

Rezava de joelhos. Punha emfrente
A immaculada imagem de Maria,
E, em vindo a hora da Morte, lhe pedia
Que me matasse, — rindo, — de repente.

Hoje não penso mais assim. Quizera
Calmos espasmos de agonia lenta,
Fitando a Cruz-Vermelha da chimera.

Talvez que uma alma bôa então viesse
Dar-me á febre dos labios, agua benta,
E ao craneo em febre a camphora da Prece.

Exame de consciencia

A grande paz em tudo : —
Berços a rir ; mãosinhas a rezar ;
E a Esposa d'olhos calmos de velludo
Pedindo um nicho para a pôr no altar...
Nem mesmo falta, para ser feliz,
Essa adorada inveja pequenina,
Que orvalha em meu paiz
A rubra flôr exotica da Lama !

E todavia a Morte me fascina,
Tardando muito em me estender a cama...
Que tormentosa origem
Devo buscar á Magoa indefinida ?
D'onde me vem a ascetica vertigem,
Tão cheia de visões d'uma Outra-Vida ?
Penso em Jesus, é certo,
N'uma vaga impulsão do inconsciente;
Mas não sou mais o piedoso crente
D'uma Hostia a enluarar um pallio aberto.
Nas minhas horas de concentração,
Fóra do Lar, um branco Ideal procuro...
Em vão! Em vão! Em vão!
São côres mortas: tudo, roxo-escuro;
Noite no craneo! Espasmos de candeia!
De verdadeiro tão sómente existe
A Arte faminta, esfarrapada e triste,
Pedindo a esmola d'uma pobre ideia!
Não ha mais barro para o novo Cháos;
E se o Sonho epileptico, convulso,
Nos vem tomar o pulso,
Encontra febre de quarenta gráos...
Para unguentar a Dôr, que nos consome,
A flora da Illusão não tem remedio;
Antes morrer de fome,
Do que morrer, a bocejar, de Tedio!

Soubemos derrubar
Os campanarios gothicos da crença;
E em vez de um Templo, n'uma paz immensa
Apontamos ruinas ao Luar!
Faltam as novas concepções sadias;
Excito os nervos gastos,
E vejo, ao fundo, as fulvas Ironias
A rir, a rir dos meus momentos castos!
Huysmans na Trappa! Amigos, quem me déra
Volver tambem atraz...
Ai, como é bom sentir a primavera
Fazendo o ninho dentro d'um lilaz!
Ai, como invejo o pallido trappista,
Lavado de luar,
Que não duvida que o bom Deus exista,
A rezar, a rezar...

Alleluia

Morte no céo !

á minha Esposa

Assim tão negro, como as tuas tranças,
Que o nosso amor traz sempre perfumosas,
Gosto de vêr sem luz de nebulosas
O céo azul das Bemaventuranças.

Talvez morram, por lá, tambem creanças ;
E por isso as Madonas lacrimosas
Vestem de lucto o calice das rosas,
Tarjam de preto as Claridades mansas.

Para onde vôam? tu dirás, magoada;
Onde irá ter o pobre passarinho
Sem o clarim triumphal d'uma alvorada?

E eu te respondo, ó flôr do meu carinho,
Que n'um seio de Mãe immaculada
Ha lugar, sempre, para mais um ninho...

O Psalterio

Eu tenho um livro santo,
Que de joelhos, filhos, fôra escripto
Na suggestão do manso olhar bemdito
De vossa boa Mãe, que adoro tanto...
Haveis de lêl-o um dia,
Dobrando reverentes o joelho,
Como piedoso antigamente eu lia
Qualquer um trecho casto do Evangelho.

Estrellas loucas

á Selika

Dourado enxame d'estrellas
Zumbe volatas no céo...
Só eu sei a historia d'ellas,
O' filha, que o céo me deu !

Ha quem diga que são astros
Com multidões desvairadas ;
Se é assim, tambem de rastros,
Ha, por lá, mães esfaimadas.

Ora, filhinha, eu não creio
Que meigo sendo Jesus,
Queira vêr o céo tão cheio
De braços de tanta cruz !

Não póde ser ! Deus não deve
Illuminar o infinito,
Para dar lyrios á neve,
Para dar alma ao granito.

Nos livros ha coisas d'estas !
Mas vê lá que malvadez,
Ter a Via-Lactea em festas,
E a morte dentro, talvez...

Tu percebes facilmente
Que os sabios andam errados.
Olha a lua ! E' mar dormente,
Com bergantins de noivados...

E todavia não falta,
Quem nos diga, sem corar,
Que ella é a tumba mais alta
Que o bom sol anda a caiar !

Francamente, não ha nada
De mais extranha ousadia,
Que dar á lua prateada
A côr branca da agonia.

As almas bôas, piedosas,
Nos psalmos da extrema-uncção,
Julgam vêr nas nebulosas
As Hostias da communhão.

São almas crentes e justas
Voando, de braço dado,
Para as ameias augustas
Do vasto Azul constellado.

N'uma Alleluia de Calma,
Contrictas, ficam ahi,
Como fica esta minh'alma,
Triumphal, junto de ti!

Mas eu de certo não penso,
Como pensa muita gente,
Pois já vi o céo de perto
Com anjos na minha frente.

Talvez digam que te illudo
N'estas balladas ideaes;
Não o creias, que isso tudo
E' só lenda, e nada mais!

Nem julgues que é phantasia
De algum velho pachá mouro:
Mas toda estrella erradia,
E', filha, uma abelha d'ouro!

Vespa phantastica e louca,
Debruçada sobre a flôr
Que se desata na bocca
Das virgens mortas de amôr...

Vespa de inquietos adejos,
D'azas de fogo, iriadas,
Que morre, farta de beijos,
Nos braços das madrugadas!

Hypnose

ao Paulo

Talvez não ando errado,
Se te disser, filhinho, que é custoso
Achar quem tenha aos braços embalado
Um filho mais formoso!
Orgulho tolo póde ser que seja,
Fazendo assim que muita gente ria...
Mas eu te juro que em qualquer igreja,
Quando meus olhos nos altares ponho,
Nem é mais bello e mesmo mais risonho
O pequenino filho de Maria!

Visão dos berços

Quando nos berços ponho o olhar cansado,
Berços das mansas filhas pequeninas,
Tento esgarçar o manto de neblinas
Que anda a vestir o céo do meu noivado.

Pae febril, pae do amôr, pae torturado,
Resurjo para as velhas cavatinas,
Ao vêr as azas limpidas, divinas,
De um Anjo, em cada berço, debruçado.

E, se Deus para o mundo dos seus Versos
A Via-Lactea prende em ganchos d'ouro.
Como um panno de luz, em dobras francas

Não é demais, que eu tenha para os berços,
Na visão ideal de um anjo louro,
As cortinas de duas azas brancas...

Natal

" Vinde a mim ! "

Foi isto o que Jesus
Um dia disse ás mansas creancinhas ;
E deu-lhes o bom céo, cheio de luz,
O calmo céo das velhas crenças minhas...
Pois isso mesmo, filhos, eu repito
N'esta amorosa noite do Natal...
Ha festa no infinito !

Oiço d'aqui a marcha triumphal
Das preces em revoada :
Em cada labio canta uma ballada,
E em cada berço d'ouro,
Embóra muita gente não o creia,
Anda a pousar um lindo anjinho louro,
Vindo talvez das bandas da Judeia !
Como Jesus, filhinhos, eu tambem
Quizéra dar-vos um presente raro :
Mas, por desgraça, tudo, tudo é caro,
Para um pobre, como eu, que nada tem !
A vida é feita assim...
No suarento pão de cada dia
Moureja o sonhador em Mágoa immerso,
Como acontece a mim ;
Mas tambem sem a dôr, não haveria
Esta Musica Sacra do meu Verso.
Joias, meus filhos, quem me déra têl-as !
Sómente a fada azul d'uma Chiméra,
N'esta noite, ó Selika, é quem podéra
Dar-te um collar... mas um collar d'estrellas !
Para a Zuleika, assim tão pequenina,
Fallando francamente,
Nem mesmo sei que mimo serviria...
Talvez que uma aza branca,
Franjada de neblina,

D'essas, que em sonhos, a minh'alma arranca,
Impiedosamente,
A's garças ideaes da phantasia !
Resta-me o Paulo : — e para o pobresinho
Apenas tenho o meu castello antigo,
Onde o noivado santo, que bemdigo,
Deu-me tres filhos para o mesmo ninho !
N'esse vôo sereno, azul em fóra,
Bate tranquillo o coração de um Pae...
Ide dormir, agora !
Ide dormir, sonhae !

Indice

Indice

Trevas :

Horas do Tedio :

Alleluia :